

Cap. Sr. Francisco Paula dos Santos



ANO I

CARVALHAL, 4 DE SETEMBRO DE 1932

C. M. B. BIBLIOTECA

Barcelos N.º 1

Visado pela Comissão de Censura

Ecos da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso 25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

«Ecos da Franqueira»

Depois de uma interrupção forçada de cerca de um mês, aparece, finalmente, de novo, este pequeno semanário. Certas formalidades da lei não tinham sido satisfeitas por parte do nosso ilustre editor que, como nós, as ignoravamos.

Pedimos desculpa aos nossos prezados leitores e assinantes; e àqueles que se nos dirigiram, interessando-se pelo desaparecimento do jornal, os nossos sinceros agradecimentos.

Convencidos estamos que o publico acolherá, com simpatia mesmo, este semanário religioso, que, não tendo necessidade de fazer nova apresentação, de novo se afirma um jornal católico e, fiel á meta que se propoz, pugnará pelos interesses de Nossa Senhora da Franqueira e procurará estar sobranceiro a questões politicas que dividem e a questões que enervam, congregando, sim, os esforços de todos em ordem ao bem comum.

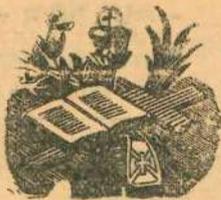


Assinantes e colaboradores

Aos nossos prezados assinantes comunicamos que só a partir deste numero lhe será contada a assinatura, não se lhes levando em conta os dois numeros recebidos.

A's pessoas que nos queiram ajudar, colaborando no nosso semanario, o que muito agradecemos, pedimos encarecidamente o favor de mandarem logo nos principios da semana os originais pois que a impressão sendo feita em Braga, temos de os enviar em seguida para a tipografia.

Nossa Senhora da Franqueira



O Evangelho

Tendo Jesus entrado em casa de certo príncipe dos fariseus, num sábado, para comer pão, eles observavam-no; diante de Jesus estava um homem hidrópico. O Salvador respondeu aos peritos na lei e aos fariseus: «Será licito curar num sábado?» Eles nada disseram. Então Jesus, tomando o doente, curou-o e mandou-o embora. E respondendo aos pensamentos de todos, disse: «Qual de vós, se um jumento ou uma ovelha vos cai a um poço, não o tira imediatamente, embora seja em dia de sábado?» Nada puderam responder a isto. Apresentou também uma parábola, ao ver que alguns convidados se precipitavam para os lugares: «Quando fôrdes convidados para um banquete não vá estar alguém mais merecedor de honras, e vindo o que te convidou, não diga que dê o lugar a outro, tendo de ocupar o último, cheio de confusão: mas quando fores chamado, senta-te em último lugar, para que, vindo o que te convidou te diga: Amigo, sobe mais para cima; e então terás glória diante de todos; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado».

A humilhação

Tudo o que se humilha será exaltado.

A humilhação é a base e o fundamento de todas as outras virtudes, motivo porque Jesus Cristo a recomenda tanto. Consideremos hoje as diferentes espécies de humilhação e o seu objecto.

I.—Diferentes espécies de humilhação.

A primeira de todas é a humilhação do coração. Consiste em abraçar voluntariamente as práticas da humilhação, em não se ofender com as calúnias, em não se irritar com as humilhações, em não se exaltar com as injúrias. Vai mais além entre os cristãos fervorosos: houve santos que tiveram o desejo de ser humilhados, amaram as afrontas, alegraram-se ao serem aviltados e desprezados. S. João da Cruz pedia ao Salvador uma só graça: sofrer e ser desprezado por seu amor.

E' assim que praticamos? Pobres de nós! somos tão sensíveis a qualquer injúria! tão delicados com as precedências! tão susceptíveis quando nós beliscam o amor próprio! Não esqueçamos de que o amor próprio é o princípio de quasi todas as faltas que nos mancham a alma aos olhos de Deus, de todos os defeitos que desfeiam a piedade aos olhos dos homens, e de todos os escândalos aos olhos do mundo.

Se não pudermos destruir completamente este inimigo tanto mais temível quanto está no mais íntimo do nosso ser, ao menos enfraqueçamo-lo o mais possível, façamos violência sobre o nosso amor próprio, aproveitando mil ocasiões; cada humilhação suportada generosamente, é um golpe que enfraquece este inimigo e nos prepara para um triunfo completo.

A segunda espécie de humilhação é a de palavras; recomendamos-na os preceitos do Evangelho e as máximas do mundo; deveria bastar o sentimento das conveniências para a observarmos fielmente. Aquella que se vangloria, vai directamente contra o que desejava: procura a admiração,

e só encontra o desprezo; quer dar-se ares de importância, e torna-se ridículo.

E' para admirar que seja tão comum este sentimento da vanglória, por isso que só inspira repulsa; todos criticam os homens vaidosos, e afinal não se corrigem; são bem cegos!

A jactância é outra maneira de alguém se louvar com mais sagacidade, e não é menos reprensível. Consiste em não se nomear, mas deixando-o perceber; não se faz o elogio das próprias acções boas, mas tem-se o cuidado de as fazer conhecer. E' raro que esta espezteza engane os homens; torna-os evidentes o próprio orgulho de cada um, e em vez da estima que mendigava, o vaidoso inspira só desconfiança e desprezo.

A terceira espécie de humilhação é a das acções; recomenda-se de um modo especial Jesus Cristo no Evangelho de hoje: *Quando fôrdes convidado para um banquete, senta-vos em último lugar.* Este preceito estende-se a todas as circunstâncias da vida. Condena o desejo de nos elevarmos e de dominar, e que é um dos sentimentos mais comuns e perigosos.

Quere-se o primeiro lugar nas afeições e até a exclusão de qualquer outra; quere-se prevalecer sobre todas, já pelo successo, já pelo triunfo. E' a inveja de se elevar e de dominar que se devem atribuir quasi todas as resistências à autoridade na família, quasi todos os crimes que se praticam na sociedade.

II.—Objecto da humilhação.

Devemos ser humildes:

1.º — Aos nossos próprios olhos. Este primeiro grau da humilhação não é outra coisa senão o conhecimento de nós mesmos, da nossa fragilidade, inclinação para o mal, paixões, vícios. Este conhecimento da nossa miséria que nos dá a experiência e que nos revela a fé, não nos levará a sermos humildes? Como poderemos ser presunçosos, quando somos tão fracos? Como ousaremos alimentar pensamentos de orgulho, quando temos tanto de que nos envergonhar? Como revoltarmos-nos por uma afronta, quando somos tão dignos de desprezo? Como é que nos hão-de amar, se somos tão pouco amáveis?

Esta espécie de humilhação não consiste em negar o que há de bom em nós, nem em ver vantagens que possuímos acima dos outros, quer no que respeita à fortuna, quer ao espirito; não; a humilhação não é a falsidade; mas o coração humilde não esquece que são dons de Deus as suas boas qualidades, talentos e virtudes; sabe que tudo o que é, todo o bem que faz, de Deus vem; e que, por conseguinte, não pode ter nisso vaidade alguma.

E' testemunha da queda de um dos seus irmãos? pensa que se Deus o tivesse colocado em idênticas circunstâncias, sem lhe conceder graças mais abundantes, talvez praticasse excessos mais criminosos.

As duas considerações da concupiscência que sente e da graça que experimenta; da concupiscência que o arrasta ao mal, e da graça que o retém no bem; da concupiscência a que lhe custa resistir, e da graça a que lhe é tão difícil corresponder; estas duas considerações conservam-no na humilhação e impedem-no de se elevar acima daquelles que, menos favorecidos da graça, cometem maiores pecados do que elle.

E' assim que o coração verdadeiramente humilde, sem desconhecer o que o eleva acima dos outros, se não gloria de tal, mas refere-o a Deus, origem de todo o bem.

2.º — Devemos ser humildes diante de Deus.

Este dever não há necessidade de o expôr para ser sentido. Em vão tentaríamos formar uma ideia da distancia infinita que separa o homem de Deus; como poderíamos exprimir o que não nos é dado conceber? Somos coisa nenhuma, e Deus é o soberano Ser; somos só fraqueza, e Deus é a onnipotência! Somos unicamente peccado, e Deus é a mesma santidade. E' sobretudo esta última consideração que deve humilhar-nos profundamente diante d'elle. Sim! devemos ter mais vergonha da nossa corrupção do que da nossa fragilidade; da nossa ingratitude do que do nosso nada; é assim que tudo deve humilhar-nos na presença de Deus, tudo, até a lembrança do que fez para nos exaltar; pois não abusamos até das suas graças?

3.º — Devemos ser humildes nos pensamentos para com o próximo.

A humilhação proíbe-nos todo o desprezo para com os outros, toda a pretensão de superioridade.

Para sentir a justiça desta regra imposta pela humilhação, consideremos que os nossos pensamentos de preeminência vêm da superioridade que cremos ter sobre os outros, quer na ordem da natureza, quer da religião. Se são as vantagens temporais, como a riqueza, a formosura, o nascimento, os talentos que nos elevam acima dos outros em pensamento, como tudo isso é fútil! como é pequena a distancia que estas distincções põem entre um homem e outro homem! rarecem-se com essas bolas de sabão que as crianças elevam no espaço, e que se dissipam quasi no momento em que aparecem...

Se nos estimamos acima dos outros por causa de vantagens de ordem religiosa, de virtude, de boas obras, de piedade, este motivo teria em si mais solidez, mas não tem em nós mais justiça. Que tendes vós, pergunta o Apóstolo, que não recebêsseis? E se as recebemos, como ousaremos gloriarmo-nos delas como se viessem de nós? O nosso orgulho é mais que ridículo, é injusto, porque roubamos a Deus a glória que lhe é devida.

Digamos portanto de todo o nosso coração: O' meu Deus! Tudo o que sou, tudo o que tenho, vem da vossa graça; não permitais que eu abuse d'esses dons para vos ofender, mas fazei que tudo o que há em mim me sirva para vos glorificar. Nas sugestões do orgulho lembrar-me hei dos motivos que tenho para me humilhar diante de Deus.

PARA RIR

Apresenta-se a matricula na Universidade de Alcalá, em Espanha, um estudante manchego.

—Como se chama interrogou o secretário?

—João Batista Combê.

—Então o Sr. quere ensinar-nos ortografia, disse o secretário?

Eu pergunto-lhe como se chama?

—Batista Combê, já disse a V. Ex.ª.

—Batista Combê!...

Mas não seja impertinente. Sei sei que Batista se escreve com um b. Diga-me o seu nome todo, e deixe o resto por minha conta.

Uma Senhora encontrando-se com uma menina que já há muito tempo não via, perguntou-lhe ingenuamente:

—Mas... foi a menina que morreu, ou sua irmã?

Crónica da Semana

Organizações agrícolas.—A propósito do movimento associativo que se está preconizando na região duriense para salvaguarda dos interesses vinícolas da mesma região ocorre salientar a necessidade de igual movimento em outras regiões, por exemplo na do Minho. O Douro pugna pela cotação e colocação dos seus vinhos, que são a sua grande riqueza. A riqueza do Minho está igualmente nos seus vinhos. Se o Douro se vê a braços com a crise da abundância em stock dos seus vinhos, amanhã, (quantas vezes!) o Minho atravessará a mesma dificuldade.

São duas as lutas que se travam nas margens do Douro: a defesa da genuinidade dos seus preciosos vinhos e a necessidade urgente de os colocar. Duas lutas que se substanciam e formam um só combate contra os inimigos que falsificam os vinhos e os vendem como legítimos, provocando assim a falta de saída dos verdadeiros. Luta legítima, louvável, de interesse verdadeiramente nacional.

Com os vinhos verdes dá-se um caso muito semelhante. Quantos expostos por aí à venda nocivas à saúde e à bolsa do consumidor? Quantos de qualidade pura, ótimos, característicos da região, sem possibilidade de serem colocados e bem vendidos?

Há necessidade da defesa, mas esta exige, como no Douro, a união dos interessados, e esta união, no nosso meio com os nossos hábitos e feitio, é de uma dificuldade pavorosa. A desconfiança mútua, a carência de solidariedade, o egoísmo, quantas vezes a inveja, tornam as nossas populações insubmissas, refractárias, a um pacto de defesa comum. No Douro, como no Minho, o grande mal é este.

Há anos de produção deficiente ou só bastante e, portanto, de colocação fácil. O lavrador fica satisfeito; mas vêm anos de grande produção e forte concorrência e então o lavrador atá as mãos na cabeça, aflito, vendo a sua riqueza em casa, desvalorizada, improdutiva. E nesta agudeza de crise só se lembra de um expediente salvador: recorrer ao Estado para que lhe acuda!

Ora a previdência é uma grande virtude que convém não esquecer. Se o lavrador, para evitar as crises, tivesse recorrido à associação, e esta pelo número de associados e capital realizado tivesse conseguido fixar os tipos do produto e normalizar a sua colocação, o problema estava resolvido. Mas vão lá convencer o lavrador de que lhe é conveniente entregar os seus vinhos ao Sindicato por um preço pre-estabelecido razoável! O que ele quer é negociar e obter dos vendedores o preço mais elevado em pipa. Resultado: vem a crise e os vendedores ficam a rir-se d'ele.

E' necessário pugnar pela convicção de que o proprietário e o consumidor são dois elementos que se devem conjugar e não hostilizar ou maldosamente explorar. Para se chegar a esta convicção e aos seus resultados práticos não há como o movimento associativo. Não teremos ainda educação para isso, mas é forçoso caminhar para tal fim, sob pena de andar-mos em contínuas crises, a recorrer ao Estado, como as crianças a chama-

rem pelo paisinho, quando lhes doi a cabeça.

O que se dá com os vinhos dá-se com os outros produtos agrícolas. A associação bem administrada e bem orientada, tornando participantes dos seus benefícios todos os membros, é a melhor forma de luta, tanto na defesa da genuinidade dos produtos como na sua colocação.

Coisas de Espanha.—O general Sanjurjo, por ter capitaneado uma revolução, que o governo classificou de monárquica, foi condenado à morte, condenação depois comutada na pena de reclusão perpétua. Vejam lá as ironias da sorte. Este general Sanjurjo tinha-se condenado ele próprio muitas vezes à morte nas campanhas da Africa contra os rifenhos. Foi daquêles que, segundo a linguagem vulgar, pôs o peito às balas, em defesa dos interesses da pátria. As balas é que lhe respeitaram a vida não lhe furando o corpo, mas não resta dúvida de que se pôs ao alcance delas; portanto, em condenação voluntária à morte.

Seria curioso saber se algum dos terríficos juizes, que agora, na comodidade das suas poltronas e no góso de fartos vencimentos, para servirem a pátria condenaram Sanjurjo à morte, talvez que, se tivessem de lavrar a sentença em plena batalha, nos campos do Rif, tratassem mais de salvaguardar o corpo das balas mouriscas! Não que elas não eram de papel... E' preferível lavrar sentenças...

Brasil.—Continua a luta fratricida. Toda a gente diria que a divergência entre os dois partidos não passaria além de uma semana. Quantas semanas são passadas já! Enorme dispêndio de vidas, de dinheiro, de energias, de vitalidade da nação. E' doloroso constatar o prosseguimento da guerra civil. São irmãos nossos que se degladiam, é uma pátria, onde em grande escala gira o nosso sangue, que verte sangue.

As dificuldades do Brasil refletem-se enormemente em Portugal que, economicamente, vive muito do Brasil. A guerra civil agrava a situação, desmantelando as finanças. E' uma dupla guerra.

Numa época em que tanto se fala de paz, de arbitragem, de desarmamento entre as nações, não faz sentido aquêles braseiros... Já é de mais. Em nome da humanidade ponham ponto final.

8 de Setembro. Dia do Nascimento de Nossa Senhora. Feliz aniversário, que deu a felicidade à humanidade inteira. Nossa Senhora foi o veiculo que trouxe Jesus-Deus ao mundo. Por aqui se poderá avaliar a nossa dívida de gratidão e amor.

Todos nós, pelo aniversário natalício de nossos pais e das nossas pessoas amigas, exultamos de alegria e fest-jamos o homenageado com as melhores provas de affecto. Quem mais digno do nosso affecto, da nossa alegria e das nossas provas de amor?

Festejemos, pois, condignamente o aniversário natalício da nossa Mãe do Céu. Festejemo-lo com a solenidade do

culto que a Igreja prescreve, e, sobretudo, com práticas de piedade, que afervorem a nossa fé, acrisolem as nossas virtudes e nos aproximem cada vez mais do divino Modêlo.

Nobres palavras. Registamos com grande aplauso a seguinte transcrição de algumas palavras proferidas pelo Sr. Ministro do Interior, na ocasião da posse do novo governador civil de Aveiro:

«Nacionalisemos a República, façamos dela a antítese da truculência revolucionária, o paládio do direito e das justas liberdades, o sustentáculo da ordem e da civilização cristã em que fomos educados — Civilização Cristã, digo, porque o Cristianismo é ainda, neste momento em que cesarismos de diversas espécies tudo pretendem submeter ao domínio do Estado, a garantia mais firme dos direitos da consciência humana.»

Da Encíclica *Caritate Christi Compulsi*: Palavras finais do Papa: «Seja, pois, este ano a festa do S. Coração de Jesus, para toda a Igreja, de santa competição: dias de reparação e actos de súplica. Acerquem-se todos os filhos desta Mãe atribulada, da Mesa eucarística, corram a adorar Jesus sob o véu do Sacramento; derramem naquele Coração misericordioso, que conheceu todas as angústias do coração humano, a plenitude da sua dôr; e confirmem ante Ele a firmeza da sua fé, a certeza da sua esperança e o ardor da sua caridade.

Invoquem-no, interpondo o poderoso patrocínio de Maria Santíssima medianeira de todas as graças, para si e para suas famílias, para a Patria e para a Igreja. Invoquem-no para o Vigário de Cristo na terra e para Vós, Pastores, que conosco participais do peso formidável do governo espiritual das almas.

Invoquem-no para os irmãos crentes e para os extraviados, para os incrédulos e para os infieis, para os próprios inimigos de Deus e da Igreja, a fim de que se convertam e vivam».

Calendário da semana

SETEMBRO

- 4 ✠ Domingo 16.º do Esp. Santo.
- 5 Segunda. S. Lourenço Justino.
- 6 Terça. Beato Tomé Tzugi.
- 7 Quarta. Beato Marcos Crisino.
- 8 Quinta. Natividade de N. Senhora.
- 9 Sexta. Cântico dos Cânticos de N. S.
- 10 Sábado. S. Nicolau Tolentino C.

Num hospital:

Um enfermeiro chega apressado junto do médico e diz-lhe:

—Sr. doutor, o *mudo* da cama N.º 17 está muito aflito e diz que lhe *quere falar*.

Se tiveres firmeza de alma, facilmente domarás teus appetites.

O Monte da Franqueira

Há bastantes anos que a gente de Barcelos previa que o progresso desta linda terra minhota estava no desenvolvimento turístico daquele monte.

Muitas terras do nosso país, são possuidoras de encantos que seduzem quem as visita, mas as quais ficam muito à quem dos de Barcelos.

A Franqueira está a 526 metros de altitude, deixando estender em volta de si um panorama surpreendente, o qual, em parte, fica envolvido num lindíssimo verde dos seus quadros, coberto dum azul do céu que o esmalta num quadro que extasia.

A gente que gosta de apreciar as recordações do passado, pode aqui apreciá-las, já porque tem a seu lado o glorioso Castelo de Faria, cuja construção é muito anterior à fundação da nacionalidade portuguesa, já porque tem aí a formosíssima Ermida de N. S. da Franqueira, cuja edificação se deve a Egas Moniz.

Desde há muito tempo que se vem procurando fazer deste monte uma instância turística, e, depois de alguns anos de luta, conseguiu-se que as autoridades competentes fossem dispensando as suas atenções para este local, dando-lhe certo impulso. E, assim, há pouco mais de um ano a Ermida de N. S. da Franqueira, que era administrada por uma Confraria que, não dava nem podia dar o necessário desenvolvimento a este local, que se impunha, a autoridade administrativa do Concelho propoz que a Confraria entrasse no regimen de administração por uma Comissão, a qual tendo sido nomeada com agrado de toda a gente, tem trabalhado denodadamente pelo desenvolvimento da Franqueira, dum maneira tal, que tem transformado quasi por completo o que ali existia. Esta Comissão que é composta de gente de Barcelos e desta freguesia de Carvalho, é digna de todos os elogios por tudo quanto ali tem feito.

Dentro em alguns anos, devemos ter o Monte, não só arborizado, como convenientemente alindado, em face de um projecto elaborado por dois distintos engenheiros que também vão ficar com os seus nomes ligados àquela obra grandiosa. Torna-se, porem, preciso que a gente de Barcelos e seu concelho, presente ou ausente, vá prestando o seu concurso em prol da Franqueira e, só assim veremos a nossa cidade progredir.

Z.

A Peregrinação à Franqueira

Com assentimento de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo desta Diocese, ficou há anos resolvido que anualmente se fizesse uma peregrinação à Virgem da Franqueira, na qual deverão tomar parte todas as freguesias do nosso concelho, fazendo-se acompanhar de todas as Confrarias com as suas cruces e estandartes. O Ex.^{mo} Senhor Arcipreste Padre Rios Novais, sabendo interpretar o sentir da gente devota de N. S. da Franqueira, está empregando toda a sua boa-vontade, para que esta manifestação de fé religiosa seja a mais grandiosa possível.

Oxalá os dignos Parocos saibam acompanhar Sua Ex.^a nos seus desejos de bem servir a Deus, tanto mais que sabemos se pensa que na peregrinação toma parte o nosso digno Prelado e talvez um outra alta dignidade da igreja que também a Comissão dos melhoramentos da Franqueira tenciona convidar para tal fim.

Z.

Carta de Carvalho

Até que enfim vemos com satisfação o reaparecimento do nosso semanário! No acanhado espaço de que dispomos iremos informando o leitor do que mais interessa esta freguesia.

— Partiu para Lourdes em 8 de Agosto o nosso pároco a quem felicitamos pela sua boa viagem e pelo seu regresso à freguesia que pastoreia, em 16 do mesmo mês.

— Os que empregam os seus labores na terra, os nossos bons lavradores, andam satisfeitos, prevendo uma boa colheita para este ano, não só de milho, como de vinho.

— O mês de Agosto e o de Setembro, são os meses por excelência, dos pic-nics: raro é o dia que não vejamos, subirem ao monte da Franqueira, famílias inteiras ou grupos de amigos, com os seus merendeiros que desejam saborear lá no cimo. Uns, vão de caminhas, passando lá todo o dia, outros preferem ir a pé. Há, porém, pessoas, que não levam vinho ou não o levam em abundância, e, daí, o descerem até Carvalho em busca do precioso liquido, sem o qual não pode num pic-nic reinar aquela habitual alegria. Ora, o vinho de Carvalho, quando criado sobretudo ali, para os lados da Bouça, onde melhor se faz a maturação, é um vinho com muito alcool, e só com muito cuidado se deve beber, pois não tolera abusos. Aqui fica o

aviso, pois frequentemente acontecem-se pessoas, mesmo de uma certa categoria e posição social, caírem em tal estado que causam dó, escandalizando aqueles a quem tem por obrigação de edificar, mostrando que lhes é totalmente alheia a virtude cristã da temperança. É de tal ordem o referido vinho, que de pouco vale comer bem, regalar-se com ótimas sobremeses ou doces exquisitos, oferecidos por algum *amigo*: desde que entrem um pouco no tal vinho, transformam-se logo, como vulgarmente se diz, nuns autênticos *anjinhos*.

Oxalá que neste mês não tenhamos a lamentar tais casos como logo presenciámos nos começos de Agosto, e que as pessoas, estranhas a este concelho, não venham para aqui entregarem-se a abusos que não podemos deixar de condenar.

— A noticia de que sairá da nossa igreja paroquial a grande peregrinação à Franqueira, no dia 11, presidida por dois ilustres Prelados, e que constitue uma honra para esta freguesia, traz satisfeita toda esta gente: oxalá este facto seja um incentivo para melhorar mais e mais a nossa igreja.

Um genro de Montalembert

Há um bom par de anos entrava no colégio de S. Nicolau *des Champs* (Paris) um moço belga, de nobre ascendência, o conde Domingos de Grunne que aí completou os seus estudos classicos, indo depois frequentar o colégio de S. Luís, de Bruxelas, para finalmente ser aluno da Academia Militar.

Deu sempre boa conta de si como estudante.

Alistado num exército estrangeiro, bateu-se valentemente na batalha de Sadowa (1866).

Regressou depois à Belgica onde foi sucessivamente official da Casa Militar do Rei Leopoldo e professor de historia na sua querida Academia Militar.

Tanto amor tinha ao exercício do professorado, que lhe sacrificou a sua carreira militar, reformando-se em coronel, para não ser obrigado pela promoção a largar a regência da sua cadeira.

Mal porém estalou a Grande Guerra, logo o conde Domingos de Grunne, apesar de contar 70 anos de idade, se apresentou às autoridades militares para reentrar no exército activo e bater-se pelos Aliados. Promovido a general esteve exercendo funções de comandante no Havre até ao fim da terrível conflagração.

Durante a guerra, perdera o General, sua esposa, filha do famoso orador e estadista francês Montalembert.

A Pátria já não precisava dos seus serviços; o lar desfizera-lho a morte arrebatando-lhe a querida companheira de tantos anos de vida pacifica: de forma que o Conde Domingos de Grunne despiu a farda que honrara e amortalhou-se para o mundo num hábito de frade na famosa Abadia Benedictina de Maredsous, quando acabou a guerra.